

FOLHA DE VILLA VERDE

Representante, ANTONIO MARIA BARBOZA.

Administrador, BERNARDO A. DE SÁ PEREIRA

ASSIGNATURAS PAGAS ADIANTADAS—Anno 14500 reis.—Semestre 8000 reis.—Anuncios linha 40 reis, p'ços antes da publicação do primeiro annuncio, communicado 50 reis a linha. Toda a correspondência deve ser dirigida á redacção da «Folha de Villa Verde»—VILLA VERDE.

A IRMÃ COLLECTA

A irmã Collecta, natural d'este concelho—Indagações—Sua familia—Entrada de Collecta nas Irmãs Hospitaleiras—Outras noticias.

Mal imaginavamos nós, ao lêr os artigos que os diferentes jornaes de Lisboa, teem publicado sobre o já hoje famoso caso das Trinas, e acerca do qual já emitimos desassombradamente a nossa opinião,—que o principal protagonista d'esse drama fosse oriundo do nosso concelho, e aqui tivesse familia e conhecidos.

Effectivamente foi para nós um assombro o saber que a irmã Collecta, actualmente preza na capital, era nossa patriciã, natural da freguezia de Prado, d'este concelho. Esta circumstancia, mencionada, entre varias outras, pelas gazetas lisboenses, chamou a nossa attenção e, no intuito de poder fornecer aos nossos leitores uma informação interessante como raras vezes é dado obtel-a aos jornaes de provincia, tratamos de proceder a minuciosas investigações e severas pesquisas, que nos deram em resultado a confirmação neste ponto, da noticia dada pelos jornaes da capital, que aliás foram menos exactos em outros informes, como por exemplo, quando disseram que Collecta era casada, que a mãe morrera antes da sua partida para Lisboa, etc., etc.

Roza de Oliveira, tal é o nome secular de Collecta, nasceu no lugar de Villar, freguezia de Santa Maria de Prado, d'este concelho.

Villar é um logarejo no extremo d'aquella freguezia, confinando com a de Soutello.

A casa onde Collecta nasceu é pobrissima e terrea; a familia sahio d'ella ha muito e foi viver para outra que actualmente occupa, no lugar da Ramalha da mesma freguezia. Esta, construida de novo á custa das economias do pae de Collecta, se bem que seja pobre, é melhor que a outra; ha mesmo n'ella um tal ou qual conforto.

Roza de Oliveira é filha de Francisco de Oliveira e

de sua mulher Antonia Luiza da Costa, fallecida anno passado. Seu pae ainda é vivo. Foi com elle que conversou largamente um dos redactores d'este jornal, que expressamente o procurou para esse fim, e foi d'elle que colhemos o maior numero das informações que hoje damos, informações que seguidamente tivemos de completar com a narração de diferentes pessoas da freguezia, antigos conhecidos da familia de Collecta.

Faz 73 annos a 18 de setembro Francisca de Oliveira, mas ninguem lhe supora mais de 60. Está rijo e bem conservado. É um bom homem, muito respeitador, e nada boçal. Sabe lêr e escrever. A sua profissão é de oleiro. Dos mais peritos na sua arte, conseguiu amontoar algumas economias com o producto do seu trabalho e hoje é o que nas aldeias se chama um *homem remediado*. Edificou a casinha em que reside, e tem comprado umas pequenas leiras. Com elle vive um irmão de Collecta, o mais velho, de nome Hermenegildo Antonio, e a mulher d'este. São elles quem actualmente dirige a olaria, pois o velho já gosa os ocios da sua *aposentação*.

Além d'este irmão, que é o mais velho, Collecta tem mais dois irmãos e uma irmã. Aquelles são tambem ambos oleiros e casados. São Manoel Joaquim, que mora em Prado no lugar de Francellos, e Bernardo, que actualmente se acha doente, e vive em uma pequena casa defronte da de seu pae. Havia ainda um outro que falleceu.

A irmã é Maria Thereza e é casada com outro oleiro—Manoel Ignacio Fernandes, do lugar de Fontello, freguezia de Soutello.

Roza de Oliveira—a irmã Collecta é a segunda filha.

Nasceu a 28 de julho de 1852.—«Foi no anno em que a nossa Rainha veio a Braga»—explicava-nos o pae, alludindo á visita da Sr.^a D. Maria II ao Minho.

Francisco de Oliveira, quando nos dirigimos a elle, ignorava completamente os

desgostos por que tem passado sua filha. Não quize-mos nós magoal-o dando-lhe a triste nova, e por isso á pergunta que nos fez sobre os motivos que nos levavam a interrogal-o dissemos-lhe simplesmente que, tendo-se levantado, em Lisboa, uma grande celeuma sobre um caso succedido no convento em que se acha Roza de Oliveira e estando ella mais ou menos envolvida n'elle, queriamos pedir-lhe o obsequio de nos dar algumas informações sobre o passado de sua filha, e sobre as relações d'esta com a familia, a fim de publicarmos tudo em o nosso jornal.

O bom do homem não hesitou um momento em conversar connosco, dando-nos minuciosos esclarecimentos. Na sua singela linguagem de aldeão, quando lho dissemos que accusavam as irmãs, exclamou!

—«Oh senhor! Pois é uma maroteira; aquella gente não faz senão bem...»

Roza de Oliveira entrou para as Irmãs Hospitaleiras em 1876. Seu pae que tem guardadas todas as cartas d'ella, ainda conserva e nos mostrou uma, datada de maio d'esse anno em que sua filha lhe noticia, alegremente, a sua chegada a Lisboa e lhe diz que está satisfeittissima e só lamenta não ter entrado mais cedo para a ordem.

Enquanto viveu na companhia de seus paes—todos os que a conheceram o affirmam—o seu porte foi sempre honestissimo. Era uma bonita rapariga, trabalhadeira e alegre. Ajudava seus paes no serviço domestico e na olaria, ia ás feiras vender louça, etc.

Um promenor interessante: Seus paes não lhe mandaram ensinar a lêr, mas era tal a sua vontade de saber que com o auxilio de uma amiga, conseguiu aprender rudimentos de leitura e escripta.

Das cartas que vimos, ainda as mais recentes, collige-se que ainda está longe de saber escrever correctamente.

A rapariga teve sempre vontade de entrar em um

convento e essa vontade augmentou desde que em Prado estiveram uns missionarios, cujas praticas ella ia sempre ouvir. Então pedia ao pae que lhe abonasse quarenta reis diarios para entrar para a clausura, mais este dizia-lhe sempre — «Rapariga tens em casa de comer e de beber, graças a Nosso Senhor; dinheira para tu sabires de casa não te dou»—.

Roza, no entanto teimava sempre e a amiga que lhe ensinou a lêr manifestou os desejos da pobre rapariga ao sr. Padre J. F. L. actual e digno director de um estabelecimento de caridade bracharense. Este illustre sacerdote prometeu auxiliá-la na realisação da sua vontade. Um dia recebeu Roza noticia que a Superiora Geral das Irmãs Hospitaleiras estava em Braga. Foi procura-la em companhia de seu pae, ao hospital de S. Marcos. Tambem ali se achava o sr. Padre J. F. L. acima referido.

A Superiora perguntou á rapariga se tinha decidida vontade de entrar para a ordem e ao pae se lhe dava, de sua vontade, o seu consentimento, pois embora ella fosse maior de idade não a admitiria no caso negativo.

O pae disse que sim, que a deixava ir, visto ser essa a vontade d'ella, mas que não lhe dava dote algum.

Roza de Oliveira quiz logo ficar. Debalde o pae insistiu com ella para que voltasse a casa, despedir-se da mãe e dos irmãos.

—«Se vou ficlá, dizia ella; já de aqui não saio.»—E não sahio. Veio o pae a Prado buscar-lhe a roupa.

A pobre mãe, ao saber a noticia, quasi endoideceu! E commovente a descripção que o bom velho nos fez do estado de angustia e desolação em que ficou a santa mulher, ao saber da separação da filha... Nunca mais a viu, porque no outro dia estava doente quando o marido e os filhos foram a Braga, despedir-se da pobre Roza de Oliveira. Ahi, estes empregaram ainda os ultimos esforços para a de-

ter mas tudo foi debalde.

Roza de Oliveira partiu e deu entrada no collegio de S. Patricio. E de lá que vem datada a carta a que acima alludimos. Esta ainda é assignada *Roza de Oliveira*, as seguintes teem todas a assignatura de *Irmã Collecta* ou *irmã Maria Collecta*.

Roza de Oliveira nos primeiros tempos escrevia todas os mêzes a seus paes; agora só nas festas do anno o costumava fazer. Pouco tempo depois de Collecta terido para Lisboa entrou a mulher de Francisco de Oliveira em casa, vinda de uma feira, e disse ao marido:

«Homem, aconteceu-nos uma grande desgraça! Venho da feira e todos me dizem que a nossa Roza está muito mal, que a tratam pessimamente, que a matam á fome, coitadinha! É preciso que um de nós vá a Lisboa, custe o que custar...»

Esta idea do ir a Lisboa—tão longe!—atterrou o pobre homem. A Lisboa, elle que nunca tinha ido sequer ao Porto! Mas encheu-se de coragem «metteu seis soberanos no bolso» e no dia seguinte partiu.

E curiosa a narração da viagem do bom homem desde a sua sahida de Braga até apear em Santa Apollonia, onde por 160 rs. contratou um gallego para lhe ensinar o caminho do Collegio de S. Patricio.

A filha recebeu-o alegremente, demonstrou-lhe que passava muito bem, que estava muito satisfeita e desvanecceu-lhe todos os receios O sr. Fr. Luiz dos Santos, director da casa, tratou-o muito bem e mandou mostrar-lhe a cidade pelo creado. A tarde jantou no collegio e nessa mesma noite voltou para a sua aldeia, contente e alegre por ver sua filha feliz.

Depois Collecta veio para Rezende para o collegio de Saes, e de lá para Paços de Souza, e como aqui estava mais perto de casa, o pae foi vel-a, esteve em Paços de Souza dois dias com a filha e achou-a feliz e contente.

Desde que ella sahio de casa foram as duas vèzes que a viu.

Uma vez Collecta veio a Braga com a Superiora, ao Hospital de S. Marcos.

Escreveu nos paes para a irem vêr, mas a carta esteve retardada 14 dias no correio, e quando os velhos chegaram já a filha tinha partido. Estava escripto que a desditosa mãe não inais veria a filha, pois, como dissemos, falleceu anno passado.

Vimos a carta de irmã Collecta em resposta áquella em que o pae lhe dá noticia da morte da mãe e a procuração em que ella o auctorisa a represental-a no inventario por obito d'esta.

Abi ficam alguns dos mais interessantes promenores que podemos obter ácerca da irmã Collecta, actualmente tão discutida no jornalismo; outros temos para referir mas o limitado espaço de que dispomos obriga-nos a deixal-os para o numero immediato do nosso jornal.

SECÇÃO AGRICOLA

REVISTAS DOS CAMPOS

A elevada temperatura da primeira quinzena d'este mez favoreceu as culturas cerealiferas das terras baixas e irrigadas, mas prejudicou as sementeiras das restevas em que bastante se fez sentir a falta das chuvas. Apenas nos dias 19 a 22 cahiu alguma chuva que seria muito mais benéfica se tivesse vindo mais cedo, quando os milharaes das restevas estavam no seu crescimento lento, e não quando já começavam a apresentar a espiga muitas das quaes se não poderão desenvolver convenientemente.

As vinhas apresentam-se vigorosas em grande parte com muito fructo, mas de pequenas dimensões e muito irregular. As doenças cryptogamicas desenvolveram-se este anno com intensidade por todos os vinhedos, sobre tudo o oídio e a antracnose. Fez menos estragos o mildiú, mas nem por isso deixou de nos incomodar com a sua pouco amavel visita primaveral. O nosso lavrador não desenvolveu a efficacia do enxofre no tratamento do oídio, mas os senhores moleiros houveram por bem elevar extraordinariamente o seu preço, de forma que algumas vinhas não foram convenientemente enxofradas. Uma santa gente estes senhores moageiros d' enxofre! Porque razão se não hão de reunir os principaes proprietarios rurais d'esta região para mandar moer por conta propria o enxofre para os seus vinhedos? Parece-nos que com isso muito teriam a lucrar. E' verdade que o preço do enxofre em pedra está agora mais elevado, mas segundo nos consta, alguns moageiros tinham já armazenadas grandes quantidades de enxofre moído no anno passado, e souberam muito bem aproveitar-se da alta dos preços d'este anno para assim auferirem grossos lucros. Alem d'isso o preço do enxofre em pedra não é tão elevado que dê motivo a vender quasi pelo dobro do que se vendia no anno passado o enxofre moído. Os lavradores minhotos ainda se não compenetraram bem das gran-

des vantagens que lhes podem vir da união para este e outros fins. — E' fóra de duvida que os adubos produzidos no Minho não chegam bem para as necessidades da cultura convindo muito supprir as faltas com adubos chimicos bem preparados, e ha grande vantagem em que se encomendem grandes quantidades, porque se obtem assim boas reduções no seu custo. As pequenas remessas são mais caras, e nunca se lhes concedem as vantagens que os negociantes d'adubos offercem nas vendas que effectuam por tonelada.

Ponham os lavradores completamente de parte o intermediario judeu ou cigano, e saibam unir-se para tratar dos interesses communs, e verão, pelas menos em parte, melhorada a sua triste situação.

S. S.

CHRONICA LOCAL

Dr. Severino de Magalhães

Tivemos ha dias a dolorosa noticia do passamento do sr. dr. Severino José de Miranda Magalhães, antigo e dignissimo juiz d'esta comarca, ultimamente na de Vianna do Castello.

Character d'uma rara austeridade e magistrado integerrimo e distincto, o fallecido era sem duvida um dos juizes que tem administrado justiça n'este concelho que melhor nome e respeito deixou entre nós.

Altamente considerado pelas suas apreciabilissimas qualidades, durante o tempo que esteve n'esta comarca conquistou sympathias profundas, mereceu sempre a estima e veneração de todos os habitantes, e a sua sahida d'esta terra contristou vivamente os admiradores dos excellentes predicados de s. ex.^a que em todos os seus actos deu sempre um grande testemunho de honradez e de rectidão de character.

Por tudo isto, e ainda mais, pela amizade pessoal que nos ligava ao illustre magistrado, a noticia do seu passamento impressionou-nos dolorosamente e encheu-nos de sincero pesar.

A magistratura portugueza perdeu no sr. dr. Severino de Magalhães um funcionario d'uma elevada probidade, d'uma illustração rara, e d'uma rectidão admiravel.

Os amigos do saudoso extinto perderam a amizade d'um cavalheiro honradissimo, d'um coração bondoso, d'uma alma de sentimentos nobres e alevantados.

Um brilhante escriptor, Silva Campos, escreveu na «Aurora do Lima» estas frases sentidissimas e primorosamente traçadas que desenham nitidamente o perfil do fallecido:

«Succumbiu ante-hontem o sr. dr. Severino de Magalhães, digno juiz de direito d'esta comarca, cargo este que assumira em 21 de Junho de 1889.

Era um serio e honestissimo magistrado, austero no cumprimento dos seus deveres, e nutrido um alevantado ideal de justiça, a que poderia alguma vez faltar por má comprehensão das regras juridicas — pois que não ha ninguém infallivel — mas nunca por vontade propria ou por impulsos ruins de falacar a verdade, a que elle, o illustre

extincto, sempre prestou um culto fervoroso e dedicado.

Soffreu horriavelmente nos ultimos tempos, mas a tenacidade inquebrantavel do seu espirito, a rija tempera do seu character, que a nada cediam, prenderam-na ao ceppo dos seus pesados labores quotidianos, e tanto que ainda abi o vimos ha dez dias, no leito do soffrimento, a dirigir, com uma serenidade heroica, um importante serviço judiciario, sem que as dores phisicas e o abatimento moral, quasi nas veperas da eterna viagem, o detivessem no cumprimento do seu dever e o aconselhassem a repudiar trabalhos que eram outros tantos passos apressados na carreira vertiginosa que o arrastava para o tumulo.

Se não fóra este afan imperdoavel que o fez morrer no seu posto como um soldado valoroso, mas imprudente, o sr. dr. Magalhães poderia ter prolongado a existencia ainda por alguns annos. Era abastado proprietario, e o remanso da sua casa, o socego de um lar invejavel, deveriam desde muito tel-o atrahido, abandonando a vida activa e laboriosa da judicatura, que tanto contribuiu para precipitar o cyclo de agonias terriveis que ante-hontem tiveram o seu epilogo fatal.

Mas de uma vontade de ferro, de uma dedicação sem limites pelo exercicio das suas nobres funcções, o illustre juiz quasi que só deixou de exercel-as quando o frio da morte lhe paralysoo o braço enfraquecido, quando as sombras da eternidade lhe empanaram para sempre o brilho da intelligencia.

Quem escreve estas linhas, com o coração verdadeiramente contristado, deveu ao nobilissimo extincto singulares testemunhos de cordalidade e de amigavel benevolencia. Por isso o golpe agora recebido o fere no mais profundo do seu ser, o a gratidão ao amigo perdido, o o respeito á memoria do homem honrado, são titulos bastantes para justificar uma lagrima sincera que agora se depõe, como perola liquefeita, no athaude que encerra os despojos mortaes do illustre morto.

Repouse em paz! A sombra amiga dos cyprestes se estenda, como guarda protectora, sobre o chão da sua sepultura, e Deus receba no seu eterno scio, fonte de toda a luz, sol de inmarcessivel justiça, a alma atribulada de quem deixou no mundo o coração nos pedaços, saudoso de uma familia amantissima que a esta hora se acha prostrada pelas dores da inconsolavel viuvez e da orphanidade!

S. C.

A illustre familia enluctada, e em especial ao nosso amigo dr. Alvaro José de Miranda Magalhães, enviamos a expressão da nossa condolencia.

A «Influenza»

Continua a grassar esta horriavel epidemia. Ha uma grande falta de soccorros e para desejar seria que o sr. governador civil, pela verba destinada á beneficencia, mandasse para ser distribuida por este concelho, uma quantia qualquer.

De outra fórma, a não ser pela iniciativa particular, é impossivel obter soccorros. A digna camara municipal nada pôde fazer por que não tem ver-

ba no orçamento para esse fim. Succede aqui o mesmo que nas outras localidades onde tem grassado esta epidemia, como Braga, Barcellos, Amares, Ponte do Lima, etc., onde as camaras nada fazem porque nada podem fazer.

O mesmo succede com o digno administrador d'este concelho, cuja sollicitude e boa vontade todos reconhecem, mas cujos esforços hão-de ser fatalmente proficuos. Ainda assim temos a registrar, com louvor, a circular por s. ex.^a dirigida aos parochos exhortando-os a promoverem subscripções nas freguezias rurais. Terá ella dado resultado?

A principal causa da grande quantidade de casos fataes que a influenza tem produzido aqui, provém a nosso vêr, da falta de resguardo e cautellas da maior parte dos doentes. A influenza é, em si, uma doença benigna, mas a recalcida é perigosa, porque a mais pequena falta de agasalho, acarreta atraz de si uma pneumonia ou um typho.

Ora é justamente isto que aqui se tem notado. Os individuos atacados recolhem-se á cama, melhoram alguma coisa e no dia seguinte já sahem a passeio como se nada tivessem tido.

Tem-se dado casos de andarem a passear individuos pneumonicos!

E' nossa opinião que a maior parte dos individuos fallecidos teriam escapado á morte se tivessem tido mais cautellas e resguardos.

Enfermo

Tem estado bastante doente o nosso presado e querido amigo o sr. José Lourenço da Costa, abastado proprietario e respeitavel cavalheiro da villa de Prado.

Fazemos votos pelo completo restabelecimento do nosso estimavel correligionario.

Suicidio

Na freguezia de Sande, suicidou-se na quinta feira uma pobre mulher, Thereza Gonçalves, deitando-se a um poço fundo.

Foi levada a este extremo porque, tendo-lhe fallecido dias antes o marido, com a influenza, imaginou-se desprotegida e sem amparo.

A infeliz contava 60 annos.

Estada

Esteve n'esta villa o nosso illustre correligionario o sr. conselheiro Alfredo Pereira, digno inspector geral dos correios e telegraphos. S. ex.^a está fazendo uso das vizinhas thermas do Caldellas.

Força militar

Vinda dos Arcos e com destino a Braga passou quinta feira n'esta villa, onde pernitoou, uma torça da infantaria 8, de 20 praças.

Regresso

Regressou da Povoia de Varzim a familia do sr. Lourenço Soares Rodrigues, digno vice-presidente da camara.

Para a Povoia

Partiu para aquella prua a familia do sr. dr. Sepulveda.

CORRESPONDENCIA

Prado, 4 de Setembro de 1891

Não são as tres graças que se resumem na palavra d'honra, nem os tres inimigos que só deestam o corpo, nem as tres parcas, Clotho, Lachesis e Atropos, que liam doham e cortam os fios da vida, nem as tres furias.

São tres! Mas não as tres graças, nem os tres inimigos, nem as tres parcas, nem as tres furias!

São, como entendem, tres zoilos.

O primeiro zoilo fez folles: — encheu-os de insinuações e arremessou-as contra «Povo de Villa Verde».

E' um zoilo D. Quichote! O segundo é armador d'anjos, mas eximo na arte, principalmente em manto d'arminhos.

E' zoilo furioso! O terceiro é um nadinha com tendencia para alguma coisa.

E' zoilo biltre! Perceberam?

Continuem e verão que o primeiro pediu para passar nos exames! — ao Cacik; o segundo deve-lhe—o livramento!; e o terceiro que a principio é um nadinha de cente, depois é biltre.

E' o tal esse non esse. Similhon-te ao Sutan que atira com pedras aos transeuntes, não distinguindo ninguém, insultando os que o reprehendem, piroteando quando querem castigar, mordendo quando querem suster e dando patadas quando o supplantam, tal e o nosso antagonista.

Furioso in excessu, esborou o seu tulantro e arremessou, a quem julgava poder salpicar, essas virosas apostemas.

Sentiu no dorso o latego, e eil-o a saltitar, querendo conspurcar os que nunca se lembrariam d'elle, se não fóra a sua malvadez, a sua furia stulta em querer macular com sua pestilente haba os que não o offenderam.

Querendo apparentar de grande, manda para a imprensa um libello, accusando-nos de crimes ediondos!

Exproyamos-lhe a cusadia, mostramos-lhe as razões comprovativas do nosso ataque e, eil-o sem mais nem quê, começa a atirar com a sella ao ar, a escoicubar, arrebenta o cabrestão e, na sua carreira desabrada tenta abocanhar-nos, arremessando-nos a espuma que expellia e atirando-nos com a lama que saia de suas ferraduras. Arditoso como o macaco, mau como a hyena, voraz como a pauthera queria estrangalhar-nos indo depois celebrar victoria e cantar o triumpho a casa do Cacik.

Isto só d'um bestunto azambuado!

Cautela! — por que os zoilos não são como os tres amigos fabulosos: — applicam o antidoto proprio sendo preciso.

Ainda bem! — que o nosso antagonista não passa d'um simples zoilo.

Ouvii dizer que houve uma rã que se quiz egualar ao boi e elle querendo-nos emporcalhar, encheu a panga de tal modo que arrebeitando expelliu toda a casta de desconchabos.

Chega a insultar Cambrone! Similhando os batrachios só depois de quinze dias é que elle lança, no «Povo» os residuos da diges-

tão com dejectões nauseabundas. Os animaes d'esta especie commem a ponto de engordarem desmesuradamente e recolhendo-se a suas cozernas, cahem n'um estado de entorpecimento tal, que por longo tempo jazem no estado sonambulo. Depois d'este periodo de completo somno apparecem ca fora lão esfaimados e lazarentos, capazes de comer e devorar tudo quanto possam apanhar diante das lucinheiras.

Estã n'estas condições o defensor do Cacik.

Este correspondente lambazorra foi chamado a Prado e depois de ingerir e empilhar no estomago o que Cambrone mandou comer aos inglezes, eil-o na arena passados quinze dias, vomitado e dejectando ainda as fezes inteiras d'aquillo que o aparelho digestivo não póda digerir.

O grande patifão vendo vergalhados e azurragados sem dó nem piedade os molentos animalejos, a quem infructiferamente ousa defender investo-nos com toda a furia da sua mal entranhada alma; atira-nos com o ceruleo virolento de serpente venenosa, mordê-nos de furto com as dentadas de cão rabioso e, pondo de parte a grammatica, surrabisca blasphemias pedantescas. Causa asco ler aquella desenteria de cantilenas engendradas e alinhavadas á moda manesca, e arremessadas para o jornal como quem atira com o diabo ás infuzas.

—O sr. José Joaquim de Queiroz, sua ex.^{ma} esposa e parte de sua familia acham-se encommoçados com a *influenza*. Felizmente vão melhor o que estimamos.

—Tambem tem estado influenzado o nosso particular amigo o sr. Antonio José de Souza Lima Junior. Fazemos preces pela sua snude.

—Em vista do escandaloso caso de envenenamento de que foi victima o rev.^o abba de Freiriz, com um medicamento manipulado por um pharmaceutico incapaz, cujo nome temos nojo de evocar, prevenimos o abalisado medico d'esta villa, para que saiba indicar nos seus clientes pharmacias escrupulosas, a fim de se não repetirem d'estes factos.

Szemos por um nosso amigo, que os restos do remedio e o vomito expellido, estão cautellosamente guardados para serem examinados.

Por falta de espaço não podemos prolongar estas narrativas. Em breve diremos mais sobre o caso.

ANNUNCIOS

Agradecimento

Adelaide de Campos de Amorim Azevedo Soares Malheiro e Manoel de Sousa Lobato Abreu Malheiro agradecem com vivo reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de seu estremeado pae e sogro o snr. Antonio de Campos d'Azevedo Soares; ás que durante a sua

enfermidade se interessaram pelo seu estado de saude; a todos os cavalheiros que honraram com a sua presença os funeraes e assistiram á missa do 7.^o dia por alma do mesmo fallecido; e finalmente, a todos os illustrados ecclesiasticos que se dignaram officiar tambem por sua alma.

A todos aqui deixam consignada a sua indelevel gratidão.

Silvares, 3 de setembro de 1891. (512)

Agradecimento

O abaixo assignado, não podendo pessoalmente agradecer a todos que lhe fizeram a honra de o procurar por occasião da morte de seu prezado irmão João Luiz Lopes Guimarães e assistiram ao seu enterro, bem como aos que o visitaram por occasião da enfermidade que ultimamente experimentou, e da qual felizmente, já se acha restabelecido, o faz por este meio, protestando a todos seu eterno reconhecimento.

Villa Verde, 4 de Setembro de 1891.

Antonio Thomaz Lopes d'Azevedo Guimarães.

Comarca de Villa Verde

ARREMATACÃO

No dia 13 do proximo mez de setembro, pelas 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial, voltam pela segunda vez á praça, por metade do valor de sua avaliação os seguintes bens:

O campo da Cortinha, de lavradio e vidonho, com agua de lima e rega, situado no logar da Portella, freguesia de Athães, allodial em 77\$000 reis.

A propriedade chamada Cachada do Penedo do Soutinho, de matto, allodial, situada no mesmo logar e freguesia, em 25\$000 rs.

A bouça da Deveza da Costa do Lombo, de matto e carvalhos, situada no logar de Cizão, freguesia de Barros, allodial, em 70\$000 reis.

O campo das Toma-

das, terra de cultivo, com agua de lima e rega, situado no logar da Portella, limites das freguezias de Athães e Barros, allodial, em rs. 43\$000.

O campo do Souto, de lavradio e vidonho, com agua de lima e rega, situado no logar de Cizão, freguesia de Barros, allodial, em rs. 38\$000.

A bouça das Cavadas, de matto e carvalhos, allodial, situada no logar da Portella, freguesia d'Athães, em 175\$000 rs.

Uma morada de casas torres, com salas, quartos, varanda, lojas, cozinha, córtes, cobertos, lagar, dous espigueiros e mais pertenças, e quinta junta, de lavradio e vidonho, com bravio e agua de lima e rega, situado no logar da Portella, freguesia de Athães, em reis 842\$000.

O campo do Moinho Velho, no sitio d'este nome, no logar dicto, de lavradio, vidonho e bravio, com agua de lima e rega, allodial, em 175\$000 reis.

A bouça do Picoto, no logar d'este nome, freguesia de Barros, em 19\$000 reis.

A bouça seive da Cumieira, no sitio do Picoto, da mesma freguesia, avaliado em 15\$000 reis.

Predios estes penhorados a Benjamin Antonio de Carvalho e mulher D. Maria Thereza da Rocha, esta moradora no logar da Portella, freguesia d'Atães, e aquelle auzente nos Estados Unidos do Brazil, na execução hypothecaria que lhes move D. Maria Thereza Gomes da Rocha, viuva, da cidade de Braga, e em cumprimento da carta precatória vinda para tal fim da mesma cidade.

E são citados os credores incertos para assistirem á arrematacão e deduzirem os seus direitos nos termos do § 1.^o do artigo 844.^o do

Codigo do Processo Civil.

Villa Verde 31 de Agosto de 1891.

Verifiquei a exatidão
O Juiz de Direito
Fernandes Braga.

510) O escrivão
Gaspar Augusto Telles.

Comarca de Villa Verde

Editos de 30 dias

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão Faria, no inventario por obito de Maria Luiza Rodrigues, morador que foi na freguesia d'Esqueiros, correm editos de 30 dias a citar o interessado José Luiz da Silva viuvo, auzente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, e todos os interessados incertos, credores e legatarios desconhecidos e residentes fóra da comarca, para assistirem a todos os termos do referido inventario, e deduzirem o seu direito, querendo, sem prejuizo do regular andamento do mesmo inventario até final.

Villa Verde 1 de Setembro de 1891.

Verifiquei a exatidão
O juiz de direito
Fernandes Braga.

511) O escrivão
Manoel Henrique de Faria.

Comarca de Villa Verde

Editos de 30 dias

Pelo juizo de direito da comarca de Villa Verde e cartorio do

5.^o officio, correm editos de 30 dias, citando quaesquer credores e legatarios incertos e domiciliados fóra da comarca, para todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por obito de Roza Joaquina d'Oliveira, moradora que foi na freguesia de S. Martinho d'Escariz.

Villa Verde 3 de Setembro de 1891.

Verifiquei a exatidão
O Juiz de Direito
Fernandes Braga.

513) O escrivão
Antonio Thomaz Lopes d'Azevedo Guimarães.

Comarca de Villa Verde

Editos de 30 dias

Pelo juizo de direito da comarca de Villa Verde e cartorio do escrivão do 5.^o officio correm editos de 30 dias citando quaesquer credores e legatarios incertos e domiciliados fóra da comarca para todos os termos até final do inventario de maiores o que se procede por obito de Manoel José Gomes da Rocha, morador que foi na freguesia de Panascaes.

Villa Verde 18 d'Agosto de 1891.

Verifiquei exatidão
O juiz de direito
Fernandes Braga.

509) O escrivão,
Antonio Thomaz Lopes d'Azevedo Guimarães.

ESTABELECIMENTO DO ANJO

GRANDE SORTIMENTO DE FAZENDAS DE Lã E MERCEARIA

de

ARAÚJO & BRITO

CAMPO DA FEIRA (ao lado poente)

VILLA VERDE

O illustrado publico encontrará n'este estabelecimento um variado e completo sortido de fazendas de lã e algodão, de todas as qualidades. — grande sortido de algodões, e varias miudezas, etc... e bem como um completo e variado sortido de mercearia.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

VER PARA CREER

P. S. Vendem tambem no seu estabelecimento machinas de costuras da COMPANHIA SINGER e peças soltas enherentes ás mesmas machinas.

EDIÇÃO PORTATIL
do
CODIGO CIVIL

approved por
Carta de lei de 1 de julho de 1877,
conforme a edição official

Preço, brochado 240 reis. Encadernado 360 reis.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio

A Livraria—Cruz Coutinho—Editora, Rua dos Caldeireiros, 18 e 20. Porto.

REVISTA DE PORTUGAL

Publica-se no 1.º de cada mez, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Assignatura — Portugal e ilhas adjacentes: anno, 6\$000 reis; semestre, 3\$200 reis; trimestre, 1\$700 reis. Numero avulso, 500 reis; pelo correio, 840 reis. *Colónias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal:*—anno, 7\$200 reis; semestre, 3\$800 rs.

Assigna-se em todas as livrarias do reino e nas principaes do estrangeiro.

A formosa conspiradora

Nova produção de Pierre Zaccane, traduzida por A. M. da Cunha e Sá.

Cinco volumes illustrados com 5 chromo-lithographias e 21 gravuras. Publicação em fasciculos semanais para Lisboa e Porto, ao preço de 60 reis cada um; e quinzenas para as provincias, a 120 reis, pagamento adiantado.

Assigna-se na casa Corazzi, editora, rua da Atalaya, 40 a 52—LISBOA.

Bibliotheca Operaria

Publicação de obras originaes ou traduzidas para instrução das classes trabalhadoras. Será distribuida quinzenalmente uma folha de 16 paginas, pelo preço de 20 reis, em Lisboa, acrescentando para as provincias o porte do correio.

Após terminar a publicação de qualquer livro ou folheto, o assignante receberá, gratuitamente, a capa para a brochura.

Toda a correspondencia deve ser dirigida provisoriamente á rua de S. Bento, —Lisboa 284.

JACK, O ESTRIPADOR

Recenta publicação de James Middleton, acerca dos crimes de Londres.

Este romance de actualidade illustrado com gravuras, publicar-se-á em fasciculos semanais, a 60 reis cada um, pagos no acto da entrega em Lisboa e Porto, e quinzenas para as provincias, ao preço de 120 reis, pagamento adiantado.

Assigna-se no escriptorio da casa editora, rua da Atalaya, 42—LISBOA

Os Invisiveis do Porto

Este grande romance em 5 volumes publica-se em fasciculos semanais de 40 paginas, ao preço de 30 reis cada um. O pagamento é no acto de entrega em Lisboa e Porto, e diantadamente—220 reis por 4 fasciculos—nas provincias.

Assigna-se na casa editora Diniz & C.ª, Cordoaria, 150—2.º—Porto, e nas principaes livrarias.

A FELICIDADE

por
HENRIQUE PERES ESCRICH

Está em distribuição o primeiro fasciculo d'este notavel romance, que pôde sem receio entrar no sactuario da familia. É ornado de primorosas gravuras de pagina, cujas gravuras serão distribuidas gratuitamente a todos os snrs. assignantes.

Recommendamos a leitura d'esta esplendida obra aos amadores dos bons livros.

Condições da assignatura para as provincias

A expedição é feita de quinze em quinze dias, com a maior regularidade, aos fasciculos de 96 paginas e uma gravura, pelo modico preço de 120 réis cada fasciculo franco do porte, pagamento adiantado. Nas terras onde a empresa não tiver correspondentes, as pessoas que desejarem assignar deverão remetter no acto de fazer a assignatura a importancia de um ou mais fasciculos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empresa Litteraria e Typographica, editora, 211, rua do Almada, 271—Porto.

Livraria Escolar de Forte & C.ª

Rua Nova de Sousa, 47. BRAGA

VIDA DE D. FR BARTHOLOMEU DOS MARTYRES

Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas da Ordem dos Pregadores etc., etc., etc.

Obra reproduzida da magnifica edição de 1619 feita em Vianna do Castello á custa da mesma cidade. É repartida em seis livros com a solemnidade de sua transladação por Frei Luiz de Camargos e reformada em estylo, ordem e ampliada em muitos successos e particularidades por Frei Luiz de Sousa um dos classicos mais respeitaveis da lingua portugueza.

Esta edição, foi traduzida em francez em 1619, e em italiano em 1727, o qua bem mostra o seu valor litterario.

Os editores resolveram reimprimir a vida do venerando Arcebispo em optimas condições materias economicas afim de contribuir para a solemnisação do tricentenario da morte do virtuosissimo antistite da Igreja Bracarense. Esta edição será augmentada com a biographia do Frei Luiz de Souza feita por um distincto orador sagrado, dezerobargador da Relação Ecclesiastica da Braga.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

A obra comprehenderá os seis livros de que é composta, em tres volumes, o primeiro dos quaes será publicado por todo o mez de julho, o segundo em 30 de outubro, e o terceiro em 31 de dezembro do anno corrente.

O preço por assignatura é de 500 reis por cada volume pagos no acto da entrega, e avulso 600 reis. Para o Brazil custará reis 1\$200 cada volume em moeda brasileira.

Assigna-se em todas as livrarias do reino. Os senhores correspondentes terão a percentagem de 20 p. c. e alem d'isto, um exemplar gratis por cada 12 assignaturas.

MEMORIAS DE BRAGA

Contendo muitos e interessantes escriptos, extrahidos e recolhidos de differentes archivos, assim de obras raras como, de manuscriptos ainda inéditos, e descripção de pedras inscripçoneas

OBRAS POSTHUMAS

do
Commendador Bernardino José da Senna Freitas

Deze annos consumiu o auctor d'esta obra, revolvendo nos diversos archivos do reino, tudo quanto dizia respeito a Braga, sempre n'um aturado estudo, cheio de paciencia, e animado da esperanza de d'já estampa a Historia de Braga. A morte veio annullar essa esperanza, mas não impediu que o seu trabalho veja a luz publica.

A historia da Braga é ponto quasi totalmente desconhecido nas nossas chronicas. A historia geral de Portugal resente-se profundamente d'essa falta.

O commendador Senna Freitas extrahiu de diversos escriptos, e recopilou tudo quanto encontrou de curioso nos differentes archivos do reino, e em manuscriptos preciosos, e bom assim descreveu todas as inscripções lapidarias em que abunda o Minho, e principalmente Braga. Não deu ao seu trabalho uma fórma regular, porque se limitou a tomar apontamentos que lhe podessem servir para a historia. São esses apontamentos que se dão agora á estampa.

A obra, nitidamente impressa, será publicada em fasciculos de 32 paginas. 8.º francez grande, e bom papel, distribuida semanalmente aos snrs. assignante. Cada fasciculo custará 100 réis, pagos no acto da entrega, e cada volume constará de 15 fasciculos.

Por volume brochado, o preço será de 2\$000 réis. Para o Brazil augmenta o preço, segundo o cambio. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao snr. Joaquim Leal Campo dos Remedios 4-C, Braga.

Responsavel—Manoel Joaquim Antunes.

Sede da administração em Villa Verde e impresso na typ. do Sá Pereira, Braga, Campo de D. Luiz I.

JOÃO VERDE

NEALDEIA

Um volume elevadamente impresso 300 reis.

À venda nas principaes livrarias—Em Vianna, na «Livraria Progresso».

HISTORIA DA REVOLUÇÃO FRANCEZA

por Luiz Blano, traducção de Maximiano Lemos Junior.

Ornada com 600 gravuras executadas pelos mais escolhidos artistas, sobre desenhos de H. M. de la Charlerie.

Esta obra, que consta de 4 volumes, de mais de 400 paginas cada um, publicar-se-á aos fasciculos de 16 paginas, em papel superior, impressão nitida em typo elzevir completamente novo. Preço de cada fasciculo, em Lisboa e Porto 100 reis, e nas provincias 110 reis. Publicar-se-ão tres fasciculos mensalmente.

Assigna-se no escriptorio da empresa Lemos & C.ª, praça da Alegria 104—Porto, e nas principaes livrarias.

OS MYSTERIOS DO PORTO

por

Gervasio Lobato

Romance de grande sensação, desenhos de Manoel de Macedo, reproduções de Peizoto & Irmão

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Em Lisboa e Porto distribue-se semanalmente um fasciculo de 48 paginas, ou 40 e uma phototypia, custando cada fasciculo a modica quantia de 60 reis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias a expedição será feita quinzenalmente, com a maxima regularidade, aos fasciculos de 88 paginas e uma phototypia, custando cada fasciculo 120 reis, franco de porte.

Para fóra de Lisboa ou Porto não se envia fasciculo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe, que poderá ser enviado em estampilhas, vales de correio ou ordens de facil cobrança, e nunca em sellus forenses.

As pessoas que, para economisar portes do correio, enviarem de cada vez a importancia de cinco ou mais fasciculos, receberão na volta do correio aviso de recepção, ficando por este modo certas da que não houve extravio.

Toda a correspondencia relativa aos «Mysterios do Porto», deve ser dirigida, franca de porte, ao gerente da Empresa Litteraria e Typographica, 178, rua de D. Pedro, 184—Porto.

O rei dos Grillhetas

Drama da revolução franceza

Este romance, illustrado com estampas de Manoel de Macedo, executadas pelo processo Gillot, distribue-se semanalmente em Lisboa e Porto—6 folhas de 8 paginas in-8.º francez, pelo preço de 60 reis, pagos no acto da entrega; e nas provincias, quinzenalmente em fasciculos de 12 folhas, de 8 paginas, pelo preço de 120 reis, pagamento adiantado.

Casa Corazzi, editora, rua da Aalaya, 40 a 52—LISBOA.

A ESTAÇÃO

Periodico de modas, illustrado, para as familias

Assignatura—Anno—4:000 reis —Semestre 2:100 reis. Numero avulso—200 reis.

Assigna-se na Livraria Lugan & Geneloux—Porto

HISTORIA D'INGLATERRA

Por Guizot e recolhida por sua filha Madame Vitt

Traducção de Marianiano Lope Junior

Esta obra, illustrada com magnificas gravuras, comprehenderá aproximadamente 60 fasciculos, distribuidos quinzenalmente ao preço de 100 reis cada um em Lisboa e Porto e 100 reis nas provincias. Para o Brazil o preço é de 400 reis francos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida aos editores LEMOS & C.ª—Praça da Alegria, 104 —Porto.

A. A. SOARES DE PASSOS

POESIAS

7.ª edição revista, augmentada precedida d um esboço biographico

por

A. X. Rodrigues Cordeiro

Um volume brochado 300 reis pelo correio franco de porte quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio.

A Livraria—Cruz Coutinho—Editora, Rua dos Caldeireiros, 18 e 20 —Porto.

EDUARDO SEQUEIRA

A BEIRA MAR

Com 80 gravuras desenhadas por A. Xavier Pinheiro, J. d'Almeida, Juillera, Mutzel, Prétre, etc. 20 planchas de specimen naturaes e 10 phototypias segundo clichés do ex.º snr.º D. Marianna de Ivo e dos ex.ºs snrs. Carlos Belvas, J. M. Rebelo Valente, Atherton de Aragojo, Emilio Campos e J. G. Pinheiro.

PREÇO. 1\$000 REIS

A Livraria — CRUZ COUTINHO — Editora, Rua dos Caldeireiros, 18 e 20, — Porto.

Portugal Agricola

Monitor da agricultura patria

Dedicado aos interesses, fomento, progresso e defesa da lavoura na metropole e nas colonias.

Dirigido por Alfredo Carlos Le Cœq

Publicar-se-á mensalmente em fasciculos de 24 a 32 paginas de texto, adornadas de gravuras, photogravuras, photomicrogravuras, e chromos e photographias traduzindo a feição agricola do paiz, e dando ao mesmo tempo specimens de toda a alfama rural mais moderna aperfeiçoada.

Preço da assignatura—3\$000 reis por anno — pagamento adiantado.